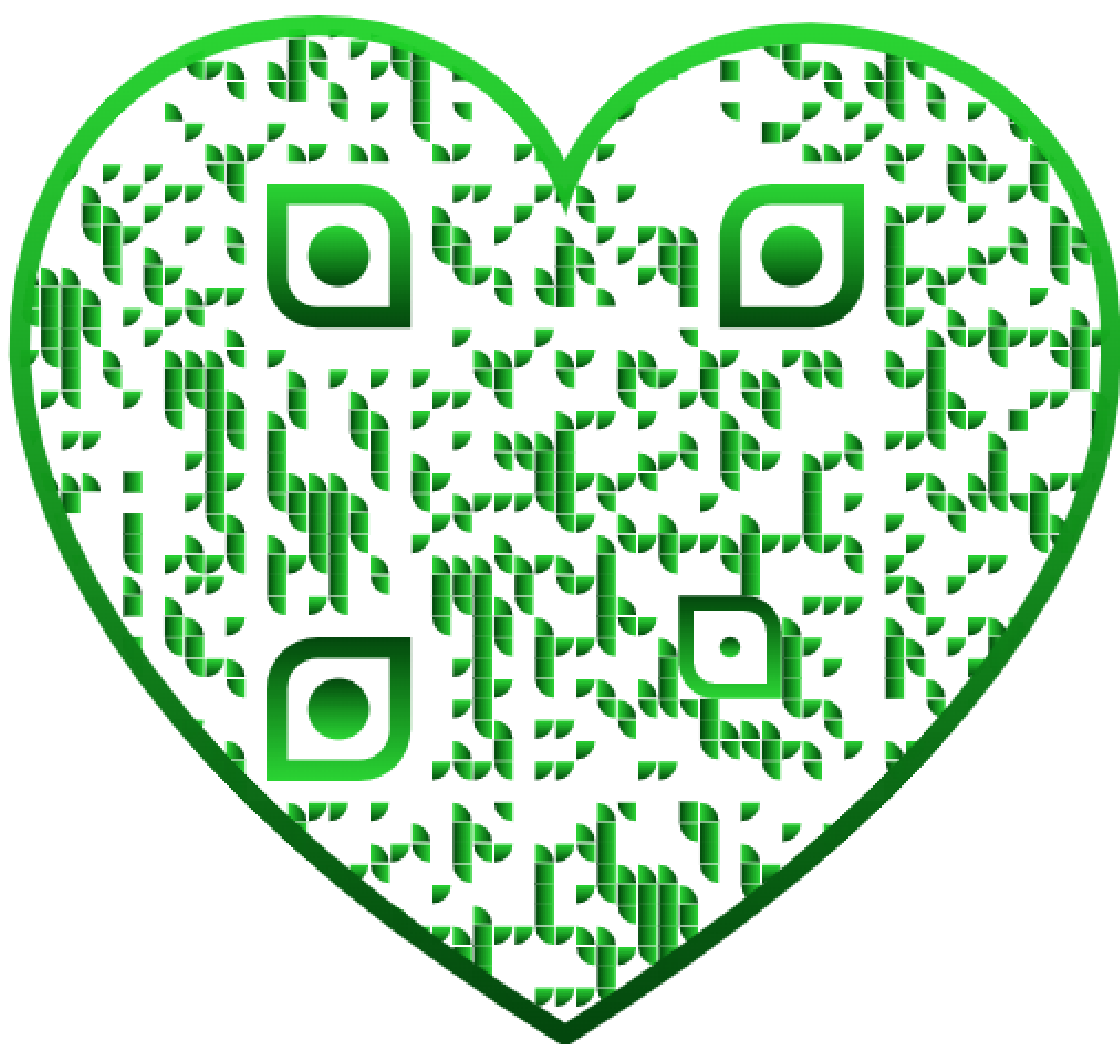
Edgar Allan Poe

A queda da casa de Usher

Melhoramentos



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Góticos

Vampiros, múmias, fantasmas
e outros astros da
literatura de terror

A queda da casa de Usher

Edgar Allan Poe



Este conto pertence ao livro *Os Góticos - Contos Clássicos*, primeiro volume da coleção "Góticos"

Lista completa de contos da coleção:

Os Góticos – Contos clássicos

- Lord Byron: *A uma taça feita de um crânio humano* (tradução: Castro Alves – em Espumas Flutuantes)
- John William Polidori: *O Vampiro* (tradução: Luiz Antonio Aguiar)
- W. W. Jacobs: *A Pata do Macaco* (tradução: Sandra Pina)
- J. W. Goethe: *Poemas macabros - Catalepsia/A dança da morte* (tradução: Claudia Abeling)
- Arthur Conan Doyle: *Lote 249* (tradução: Oscar Mendes/copidesque: Luiz Antonio Aguiar)
- Bram Stoker: *O Hóspede de Drácula* (tradução: Luiz Antonio Aguiar)
- Mary Shelley: *Transformação* (tradução: Domingos Demasi)
- Edgar Allan Poe: *A queda da casa de Usher* (tradução: Domingos Demasi)
- Théophile Gautier: *A Amante Morta* (tradução: Margaret Sobral)
- Sheridan Le Fanu: *Dickson, o Diabo* (tradução: Sandra Pina)
- Robert Louis Stevenson: *Janet, a Maligna* (tradução: Sandra Pina)
- Coletânea de ensaios: *"Histórias para sentir medo"*, Pedro Bandeira; *"O fascínio do medo"*, Luiz Raul Machado; *"Sombras da adolescência"*, Daniel Piza; *"O terror diz: 'até breve!'"*, Luiz Antonio Aguiar.

Góticos II – Lúgubres mistérios

- Augusto dos Anjos: *4 Poemas - "O caixão fantástico", "O coveiro", "O morcego", "Vozes da morte"*
- Bram Stoker: *A casa do juiz* (tradução: Luiz Antonio Aguiar)
- Charles Dickens: *A noiva do enforcado* (tradução: Sandra Pina)
- Rudyard Kipling: *A marca da besta* (tradução: Sandra Pina)
- Mary Shelley: *O olho maligno* (tradução: Domingos Demasi)
- Robert Louis Stevenson: *Olalla* (tradução: Sandra Pina)
- Machado de Assis: *Um esqueleto*
- Henry James: *Sir Edmund Orme* (tradução: Domingos Demasi)
- Johann Wolfgang von Goethe: *A noiva de Corinto* (tradução: Claudia Abeling)
- Daniel Defoe: *O fantasma de todas as salas* (tradução: Luiz Antonio Aguiar)
- Bram Stoker: *A corrente do destino* (tradução: Luiz Antonio Aguiar)
- Coletânea de ensaios: *"Presença do gótico"*, Laura Sandroni; *"O sangue de Drácula"*, Rodrigo Lacerda; *"Lúgubres mistérios"*, Luiz Antonio Aguiar.



O terror diz “Olá!”

Apresentação de Luiz Antonio Aguiar

Os contos e poemas que você vai ler nesta coleção fazem parte de uma série nobre da literatura. São clássicos, o que, em determinadas compreensões, significa que são modelos de excelência e o que melhor se criou em literatura, tanto pelas técnicas de composição e pelo manuseio da linguagem como em termos de representação da alma humana – ou de seus mistérios, de seu lado obscuro, velado...

Autores como Arthur Conan Doyle, Mary Shelley, Bram Stoker Théophile Gautier, Sheridan Le Fanu, Edgar Allan Poe e Robert Louis Stevenson, entre outros dos que estão em *Góticos: Vampiros, múmias, fantasmas e outros astros da literatura de terror*, escreveram alguns dos melhores romances e contos da ficção mundial. São mestres, gênios da literatura e referência para os escritores que vieram depois, até os dias de hoje. Alguns deles criaram personagens que, por sua vez, foram escolhidos pelos leitores como os mais fantásticos, os mais sensacionais de todos os tempos. E todos são parte de uma das linhagens mais populares e mais impactantes da literatura gótica, tanto pela competência de composição de suas histórias e personagens como pelo tema central sobre o qual se debruçaram: o medo, em especial nossos terrores mais íntimos, os inconfessáveis, os que – para muito além de um simples instante de susto – povoam nossos pesadelos... Ou os que imaginamos estampados na indecifrável escuridão.

Afinal, o terror está na origem da literatura. No Canto XI da *Odisseia* – o poema épico que, com a *Ilíada*, ambos de Homero, fundou a literatura ocidental – Ulisses, seguindo indicação da deusa-feiticeira Circe, precisa enfrentar o maior horror dos antigos gregos: o Reino dos Mortos. Naquele domínio das trevas e do esquecimento, espíritos dos que pereceram vagam, numa existência sem sentido, sofrendo atrozmente, o tempo todo, a saudade da vida sob o sol, no plano terreno, sem poder sequer se consolar com lembranças. Isso porque a mente turvada desses espíritos só pode ser despertada quando – como faz Ulisses – eles são chamados a beber sangue ainda fresco (no caso, de um animal sacrificado para esse fim). Só assim Ulisses pode receber de Tirésias, o profeta, as indicações que lhe permitirão voltar para seu lar, a Ilha de Ítaca. Ora, essas imagens do submundo são terríveis, insanas, marcantes, tanto mais quanto o Reino dos Mortos, na mitologia grega, com todos os seus tormentos, não seleciona entre os bons e os maus aqueles que vai absorver. *Todos* os espíritos dos mortos vão para lá, o que lança para nós, e todos aqueles que são criados com a ideia de um *inferno* como castigo do pecado, uma aterradora condenação inelutável, da qual nem os bons atos nem a virtude podem nos salvar.

Não é à toa que muitos clássicos do terror são focados na sofrida dificuldade de lidar com nossa própria condição mortal. E é por isso também, por nos colocar frente a frente com um tema ao mesmo tempo tão árduo e tão fascinante, tão íntimo e, por tudo isso, universal, que essas histórias permanecem, sobrevivem às mudanças culturais, de costumes, de linguagem, e se tornam *clássicos.* É dessa literatura que foram selecionadas as histórias que você vai ler em *Góticos*.

Além disso, o gênero gótico é um viés dos mais importantes do Romantismo, com ramificações no mundo inteiro. Entre nós, influenciou romancistas, como José de Alencar e Machado de Assis, e poetas, como Álvares de Azevedo e Castro Alves. Não é à toa que esta coletânea é aberta com um poema de Lord Byron, que, se não foi um autor de destaque do gênero gótico, embora um dos expoentes e mesmo um autor-símbolo do romantismo europeu, tem sua história profundamente ligada a um momento crucial do gótico romântico – por causa de certa temporada às margens do Lago de Genebra, na Suíça, junto com Mary Shelley e John Polidori, em 1816, a qual muito iremos mencionar.

Nesta coletânea, você vai encontrar, depois de cada obra, um comentário (AUTOR E OBRA) sobre a importância literária do que leu, seus descendentes e linhagem, as relações do autor com a literatura, a influência que exerceu e os elementos de composição literária mais destacados usados por ele. Além disso, há depoimentos de bons leitores das histórias de terror, falando de sua experiência de leitura. São eles Pedro Bandeira, Daniel Piza e Luiz Raul Machado. Há também um ensaio – *O Terror Diz: “Até Breve!”* –, com interessantes curiosidades e reflexões sobre o gênero gótico.

Enfim, ninguém vai sair imune aos calafrios de *Góticos: Vampiros, múmias, fantasmas e outros astros da literatura de terror*. Bem-vindo a este estranho reino, no qual o antigo e o moderno tramam histórias sobre o medo, antros do mal, passagens entre a vida e a morte e espelhos cujos reflexos por vezes são imagens inconfessáveis de nós mesmos.

Se esbarrar com alguma monstruosidade, não grite alto demais, ou outra assombração pode também despertar.

Vire a página por sua conta e risco.



A queda da casa de Usher

Edgar Allan Poe
Tradução: Domingos Demasi

Son coeur est um luth suspendu;
Sitôt qu'on le touche il résonne.

[Seu coração é um alaúde suspenso;
Tão logo tocado, ele ressoa]
Béranger

Durante todo um dia de outono, monótono, escuro e silencioso, quando as nuvens pendiam opressivamente baixas no céu, eu tinha passado sozinho, a cavalo, por um trecho de terreno singularmente lúgubre e, finalmente me encontrei, quando as sombras da noite se aproximavam, diante da triste visão da Casa de Usher. Não sei o motivo, mas, ao primeiro vislumbre do edifício, uma sensação de insuportável melancolia permeou meu espírito. Digo insuportável, pois a sensação não foi aliviada por quaisquer daqueles sentimentos algo prazenteiros, porque poéticos, com os quais a mente normalmente acolhe até mesmo as imagens naturais mais horrendas do desolado ou do terrível. Observei a cena diante de mim – a casa e a paisagem simples, características da propriedade, as paredes desoladas, as janelas como órbitas vazias, poucos canteiros de ervas daninhas e alguns troncos alvos de árvores podres – com uma profunda depressão da alma que não consigo comparar a nenhuma sensação terrena com mais propriedade do que à depressão após a euforia causada ao fumador pelo ópio – o amargo retorno à vida diária, o terrível cair do véu.

Havia uma frigidez, uma prostração, uma repugnância do coração – um temor não suavizado em pensar que nenhum estímulo da imaginação seria capaz de extrair qualquer coisa do sublime. O que era – parei para pensar –, o que era que tanto me desalentava ao olhar a Casa de Usher? Era um mistério totalmente insolúvel; nem conseguia alcançá-lo com as ideias nebulosas que me abarrotavam enquanto ponderava. Fui forçado a ceder à conclusão insatisfatória de que, fora de qualquer dúvida, há combinações de desígnios naturais muito simples que, desse modo, têm o poder de nos afetar, mas que a análise desse poder está entre as reflexões que se encontram além do nosso alcance.

Era possível, refleti, que um mero arranjo diferente de pormenores da cena, dos detalhes do quadro, fosse suficiente para modificar ou, talvez, aniquilar sua capacidade para impressões penosas; e, agindo de acordo com essa ideia, conduzi meu cavalo até a íngreme beirada de um pequeno lago negro e lúgubre que se estendia liso como um espelho perto da moradia e olhei abaixo – com um tremor mais intenso do que antes – para as imagens invertidas e modificadas dos arbustos cinzentos, dos troncos lívidos das árvores e das janelas iguais a órbitas vazias.

Contudo, eu agora me propunha residir algumas semanas nessa mansão sombria. Seu proprietário, Roderick Usher, fora um dos meus alegres companheiros de infância; mas muitos

anos haviam se passado desde o nosso último encontro. Uma carta, entretanto, me alcançara recentemente numa parte distante do país – uma carta dele –, na qual, em sua importuna natureza tempestuosa, não admitira senão uma resposta pessoal. O manuscrito evidenciava uma agitação nervosa. O redator falava de uma aguda doença física, de uma desordem mental que o oprimia e de um desejo intenso de me ver, como seu melhor, e de fato seu único amigo pessoal, com a finalidade de tentar, pela alegria de meu convívio, algum alívio de sua enfermidade.

Foi o modo como tudo isso, e muito mais, foi dito – a emoção que acompanhou seu pedido – que não me deixou espaço para a hesitação; e, portanto, obedeci incontinente ao que, não obstante, considerava uma convocação muito singular.

Embora, quando meninos, tivéssemos sido colegas muito íntimos, eu, no entanto, conhecia muito pouco do meu amigo. Sua reserva sempre fora excessiva e constante. Eu estava ciente, entretanto, de que sua família, muito antiga, se distinguira, em tempos imemoriais, por uma sensibilidade peculiar de temperamento, revelando-se, através de longas eras, em muitas obras de sublime arte, e manifestada, mais recentemente, em repetidos atos de generosa, porém discreta, caridade, como também em uma apaixonada devoção às complexidades, talvez ainda mais do que às ortodoxas e facilmente reconhecíveis belezas, da ciência musical. Eu soubera, também, do fato notável de que o tronco genealógico dos Usher, sempre tão ilustre, não dera origem, em nenhum período, a nenhum ramo duradouro; em outras palavras, que a família toda se perpetuara em linha direta de descendência, e sempre assim fora, com variações insignificantes e temporárias.

Era essa deficiência, imaginava, enquanto percorria em pensamentos a perfeita harmonia do aspecto da propriedade com o reconhecido caráter das pessoas e enquanto especulava sobre a possível influência que um, na longa passagem dos séculos, poderia ter causado no outro – era essa deficiência, talvez, de parentes colaterais e a consequente invariável propagação, de pai para filho, do patrimônio com o nome que tinham, finalmente, identificado os dois, chegando a fundir o título original da propriedade na estranha e ambígua denominação de “Casa de Usher” – uma denominação que parecia incluir, na mente dos camponeses que a usavam, tanto a família quanto a mansão da família.

Eu disse que o único efeito de minha experiência um tanto infantil – a de olhar abaixo para a lagoa – aprofundara a primeira impressão peculiar. Não pode haver dúvida de que a percepção do rápido aumento de minha superstição – por que não deveria expressá-la? – serviu principalmente para intensificar esse próprio aumento. Tal, de há muito sei, é a lei paradoxal de todos os sentimentos que têm como base o terror. E deve ter sido apenas por esse motivo que, quando ergui novamente a vista, de sua imagem refletida no lago, para a própria casa, cresceu em minha mente uma estranha ideia – aliás, uma ideia tão ridícula que somente a menciono para mostrar a intensa força das sensações que me oprimiam. Eu forçara tanto a minha imaginação que realmente acreditava que, na mansão inteira e na propriedade, pairava uma atmosfera bastante peculiar, própria dela e dos arredores – uma atmosfera que não tinha nenhuma afinidade com o ar do céu, mas que emanava das árvores podres, do muro cinzento e da lagoa silenciosa –, uma névoa pestilenta e mística, carregada, morosa, debilmente discernível e plúmbea.

Livrando meu espírito do que *devia* ser um sonho, examinei mais minuciosamente o verdadeiro aspecto do edifício. Sua principal característica parecia ser a excessiva antiguidade. A descoloração das eras fora grande. Minúsculos fungos se espalhavam por todo o exterior, pendendo dos beirais numa fina e emaranhada teia. Tudo isso, porém, não indicava uma maior deterioração. Nenhuma parte da alvenaria havia desabado; e parecia haver grande inconsistência entre os encaixes ainda perfeitos dos blocos e as condições desintegradoras de cada pedra. Isso

muito me lembrou a enganosa integridade do antigo trabalho em madeira apodrecida por longos anos em alguma adega esquecida, sem a perturbação do bafo de ar exterior.

Além dessa indicação de extensa decadência, porém, a estrutura dava poucos sinais de instabilidade. Talvez o olhar escrutinador de um observador pudesse descobrir uma rachadura quase imperceptível, que se estendia do telhado do prédio pela frente, descendo em zigue-zague pela parede, até se perder nas águas turvas do lago.

Notando essas coisas, atravessei com o cavalo o curto passadiço até a casa. Um cavalariço cuidou da minha montaria, e atravessei o arco gótico do vestíbulo. Um criado, de passos furtivos, dali me conduziu, em silêncio, por muitas passagens escuras e tortuosas em minha marcha para o estúdio de seu amo. Muito do que vi pelo caminho contribuiu, não sei como, para aumentar as vagas sensações de que já falei. Enquanto os objetos à minha volta – os entalhes do teto, as sombrias tapeçarias nas paredes, o negrume do ébano dos assoalhos e os fantasmagóricos troféus armoriais que rangiam quando eu caminhava – não passavam de objetos aos quais eu estava, ou deveria estar, acostumado desde a infância; enquanto eu hesitava em não reconhecer o quanto tudo aquilo era familiar, ainda me impressionava perceber o quanto eram estranhas as visões que essas imagens tão comuns causavam em mim. Em uma das escadas, encontrei o médico da família. Seu semblante, julguei, exibia uma expressão misto de falta de ânimo e perplexidade. Falou comigo um pouco afobado e foi embora. O criado então abriu uma porta e conduziu-me à presença de seu amo.

O aposento no qual me encontrava era amplo e alto. As janelas eram compridas, estreitas e pontudas e estavam a tão vasta distância do assoalho de carvalho negro que eram totalmente inacessíveis do lado de dentro. Débeis raios de luz tingida de vermelho abriam caminho através das gelosias e ajudavam a tornar suficientemente visíveis os objetos mais notáveis ali em volta; o olho, porém, pelejava em vão para alcançar os ângulos remotos da sala ou os recessos do teto abobadado e ornado de gregas{1}. Tapeçarias escuras pendiam das paredes. A mobília em geral era profusa, desconfortável, antiga e gasta. Muitos livros e instrumentos musicais se encontravam espalhados por ali, mas não forneciam nenhuma vitalidade à cena. Eu sentia que respirava uma atmosfera de tristeza. Um ar de severo, profundo e irremediável desalento pairava por toda parte e a tudo impregnava.

Quando entrei, Usher levantou-se de um sofá no qual estivera deitado ao comprido e me cumprimentou com calorosa vivacidade, na qual havia muito, achei a princípio, de cordialidade forçada, de esforço coagido de homem mundano *ennuyé*{2}.

Um olhar, porém, para seu semblante convenceu-me de sua perfeita sinceridade. Sentamo-nos, e, por alguns momentos, enquanto ele nada falava, fitei-o com um sentimento misto de piedade e espanto. Certamente, nenhum homem jamais se transformara tão terrivelmente antes, em tão curto espaço de tempo, como Roderick Usher!

Foi com dificuldade que me forcei a admitir a identidade entre o homem doentio diante de mim e o meu companheiro de infância. No entanto, as características de seu rosto sempre haviam sido notáveis. Uma compleição cadavérica; olhos sem comparação, grandes, fluidos e luminosos; lábios um tanto finos e muito pálidos, mas de uma curvatura extremamente bela; nariz de um padrão hebraico delicado, mas com narinas largas, incomuns nessas formações semelhantes; um queixo finamente esculpido, revelando, em sua ausência de protuberância, uma falta de energia moral; cabelos mais macios e frágeis do que uma teia; esses traços, com uma desordenada expansão acima das regiões da têmpora, formavam um conjunto de feições difícil de esquecer. E agora, com o mero exagero da característica predominante desses traços e da expressão que costumavam mostrar, havia uma tal mudança que eu não estava certo de quem era meu

interlocutor.

A agora cadavérica lividez da pele e o agora assombroso brilho do olho, acima de todas as coisas, me surpreendiam e até mesmo me assustavam. Ao cabelo sedoso, ademais, fora permitido crescer descuidado, e como, em sua agreste textura de teia de aranha, flutuasse em vez de cair sobre o rosto, eu não conseguia, mesmo com esforço, ligar sua arabesca expressão a qualquer ideia de simples humanidade.

Nos modos de meu amigo, imediatamente fiquei impressionado com uma incoerência – uma inconsistência; e logo descobri que isso se devia a uma série de débeis e fúteis pelejas para superar uma tremedeira habitual – uma excessiva agitação nervosa. Para algo dessa natureza, eu fora preparado, não apenas por sua carta, mas pelas lembranças de certas características da infância e pelas conclusões tiradas de seu estado físico e temperamento peculiares. Suas atitudes eram alternadamente animadas e taciturnas. Sua voz variava rapidamente de uma trêmula indecisão (quando sua vitalidade se acentuava) àquela espécie de enérgica concisão, aquele enunciado abrupto, pesado, lento e oco, aquele modo de falar moroso, equilibrado e perfeitamente modulado e gutural, que se pode observar no bêbado desorientado ou no inveterado fumante de ópio, durante os períodos de sua mais intensa excitação.

Foi desse modo que ele falou do objetivo de minha visita, de seu determinado desejo de me ver e do alívio que esperava que eu lhe proporcionasse. Introduziu, com algumas minúcias, o que pensava que fosse a natureza de sua enfermidade. Era, disse ele, um mal inerente à família, e para o qual perdera a esperança de encontrar um remédio – uma simples moléstia nervosa, acrescentou de imediato, a qual indubitavelmente logo passaria. Manifestava-se com uma série de sensações antinaturais. Algumas, enquanto ele as detalhava, me interessaram e me deixaram aturdido, embora, talvez, os termos e o modo geral da narração tivessem um certo peso. Ele sofria muito de uma mórbida agudeza dos sentidos; somente tolerava a comida mais insípida; só podia usar roupas com certa textura; os odores de todas as flores eram opressivos; seus olhos eram torturados até pela luz mais suave; e havia apenas sons peculiares, como os de instrumentos de corda, que não lhe provocavam horror.

Considerei-o um penhorado escravo de uma anômala espécie de terror.

– Eu vou morrer – disse ele. – *Devo* morrer nesta loucura deplorável. Assim, assim e não de outra maneira, estarei eu perdido. Tenho pavor dos acontecimentos futuros, não em si mesmos, mas de seus resultados. Tremo só de pensar em qualquer, mesmo no mais trivial, incidente que possa afetar essa intolerável agitação da alma. Não tenho, de fato, aversão ao perigo, mas, sim, ao seu efeito absoluto – o terror. Neste desalentado e deplorável estado, sinto que, mais cedo ou mais tarde, chegará o momento em que deverei abandonar a vida, junto com a razão, em alguma luta com o sinistro fantasma, o MEDO.

Descobri, além disso, aos poucos e por insinuações confusas e fragmentadas, outro traço singular de seu estado mental. Ele vivia acorrentado a certas noções supersticiosas relativas à casa em que morava, de onde, por muitos anos, nunca se aventurara a sair. Tudo relacionado a uma influência cuja suposta força foi transmitida em termos muito sombrios para serem repetidos aqui. Uma influência que algumas peculiaridades nas simples forma e substância da mansão da família haviam, por meio de longo sofrimento, disse ele, obtido sobre seu espírito. – Era o efeito que o *physique* das paredes e torreões cinzentos, e do sombrio lago para dentro do qual tudo olhava, tinha, finalmente, exercido sobre o *morale* de sua existência.

Ele admitia, porém, embora com hesitação, que grande parte da peculiar melancolia que o afligia podia ter uma origem mais natural e muito mais palpável na grave e prolongada doença e na morte, que evidentemente se aproximava, de uma afetuosamente adorada irmã, sua única

companhia por longos anos, sua última e única parente na terra.

– Seu falecimento – disse ele, com uma amargura que jamais conseguirei esquecer – me deixaria (a ele, o desesperado e fraco) como o último da antiga raça dos Usher.

Enquanto ele falava, *lady* Madeline (pois era esse seu nome) passou lentamente por uma parte afastada do aposento e, sem notar minha presença, desapareceu. Olhei-a com grande espanto, não livre de temor; ainda assim, achei impossível justificar tais sentimentos. Uma sensação de estupor me oprimiu, enquanto meus olhos seguiam seus passos em retirada. Quando uma porta, finalmente, se fechou atrás dela, meu olhar procurou instintiva e ansiosamente o semblante do irmão; mas ele afundara o rosto nas mãos, e pude apenas perceber que uma palidez maior do que a normal havia se espalhado pelos dedos macilentos, através dos quais gotejavam muitas lágrimas ardentes.

A doença de *lady* Madeline havia muito tempo desafiava a habilidade de seus médicos. Uma eterna apatia, um gradual definhamento físico e frequentes, embora passageiros, ataques de caráter parcialmente cataléptico constituíam o incomum diagnóstico. Até então ela resistira com firmeza à pressão de sua enfermidade e não se confinara ao leito; mas, ao final da tarde do dia em que cheguei à casa, ela sucumbiu (como me informou seu irmão, à noite, com inexprimível comoção) ao poder aniquilador do extermínio; e eu soube que o vislumbre que tivera de sua pessoa seria talvez o último que obteria e que a dama, pelo menos enquanto vivesse, não seria mais vista por mim.

Por vários dias que se seguiram, seu nome não foi mencionado, nem por Usher nem por mim; e, durante esse período, ocupei-me, com sérios esforços, em aliviar a melancolia do meu amigo. Pintávamos e líamos juntos; ou eu ouvia, como num sonho, as extraordinárias improvisações de seu expressivo violão. E, assim, à medida que uma intimidade cada vez maior me permitia um acesso mais sem reservas ao recesso de seu espírito, mais amargamente me dava conta da inutilidade de todas as tentativas de alegrar uma mente da qual a escuridão, como uma qualidade inerente e positiva, despejava-se sobre todos os objetos do universo físico e moral, numa incessante radiação de tristeza.

Sempre levarei comigo a lembrança das muitas horas solenes que desse modo passei sozinho com o senhor da Casa de Usher. Contudo fracassaria em qualquer tentativa de transmitir uma ideia do exato caráter dos estudos ou das ocupações nos quais ele me envolvia ou me conduzia. Uma idealização arrebatada e altamente desregrada lançava um brilho sulfuroso sobre tudo. Seus longos e improvisados cantos fúnebres ressoarão eternamente em meus ouvidos. Entre outras coisas, mantenho dolorosamente na lembrança certa deturpação singular e amplificação da extravagante melodia da última valsa de Von Weber; das pinturas que sua complicada imaginação remoía, e que cresciam, pincelada a pincelada, até uma indefinição que me fazia estremecer emocionadamente. E eu estremecia sem saber por quê, pois dessas pinturas (tão vívidas que até hoje suas imagens estão diante de mim), em vão, eu me empenharia em reproduzir aqui mais do que uma pequena porção do que seria passível de ser traduzido por meras palavras escritas.

Através da total simplicidade, da nudez de seus desenhos, ele prendia e sujeitava a atenção. Se jamais um mortal pintou uma ideia, esse mortal foi Roderick Usher. Para mim pelo menos, nas circunstâncias que então me cercavam, das puras abstrações que o hipocondríaco conseguia jogar em suas telas provinha uma intensidade de intolerável pavor, algo que nem de longe jamais senti ao contemplar os certamente brilhantes, se bem que concretos demais, devaneios de Fuseli{3}.

Uma das criações fantasmagóricas do meu amigo, embora não tão rígida no conceito da abstração, pode ser descrita em palavras, ainda que debilmente. Um pequeno quadro

representava o interior de uma galeria ou túnel imensamente longo e retangular, com paredes baixas, lisas, brancas e sem interrupção ou ornamentos. Certos pontos acessórios do desenho transmitiam bem a ideia de que essa escavação ficava numa extrema profundidade abaixo da superfície da terra. Nenhuma saída era observada em nenhuma parte de seu vasto comprimento, e não era discernível nenhuma tocha ou outra fonte artificial de luz; contudo, havia uma inundação de raios intensos que banhava tudo num fantasmagórico e inadequado esplendor.

Falei há pouco do estado mórbido do nervo auditivo que torna toda música intolerável a esse sofredor, com exceção de certas impressões causadas por instrumentos de corda. Foram talvez os estreitos limites a que ele se restringia ao violão que deram origem em grande parte à fantástica natureza de sua execução. Mas a fervorosa facilidade de seus improvisos não podia ser explicada. Eles deviam ser, e eram, nas notas, como também nas letras de suas loucas fantasias (pois ele, não raramente, se fazia acompanhar de improvisações verbais rimadas), o resultado da serenidade e da concentração mentais intensas, às quais me referi antes, observadas apenas em momentos particulares da maior excitação artificial.

Da letra de uma dessas rapsódias eu me lembro bem. Talvez eu tenha ficado tão impressionado, quando ele a cantou, porque, na corrente implícita ou mística de seu significado, julguei ter percebido, e pela primeira vez, a plena consciência, por parte de Usher, da instabilidade de sua altiva racionalidade sobre o poder dela. Os versos, intitulados “O palácio assombrado”, eram, se não exatamente, mais ou menos assim:

I.
No mais verde de nossos vales,
Por bons anjos habitados,
Outrora um belo e imponente palácio...
Radiante palácio... erguia seu topo.
Nos domínios do monarca Pensamento...
Ali ele se situava!
Nenhum serafim jamais abriu as asas
Sobre construção tão bela.

II.
Bandeiras amarelas, gloriosas, douradas,
Em seu telhado flutuavam e ondulavam
(Isso – tudo isso – foi nos velhos
Tempos de muito antes);
E cada suave brisa que se demorava,
Naquele dia suave,
Pelos baluartes emplumados e pálidos,
Um ligeiro odor desprendia.

III.
Caminhantes por aquele vale feliz
Por duas janelas iluminadas viam
Espíritos movimentando-se musicalmente
Sob o repertório do alaúde bem afinado;
Em volta de um trono, onde se sentava
(Porfirogênito!{4})

Na condição de sua condizente glória,
Era visto o senhor do reino.

IV.
E toda com pérolas e rubis brilhantes
Era a bela porta do palácio,
Através da qual seguia, seguia, seguia,
E cada vez mais cintilando,
Um bando de Ecos cujo suave dever
Era apenas cantar,
Com vozes de insuperável beleza,
A inteligência e a sabedoria de seu rei.

V.
Vultos maus, porém, em vestes de luto,
Atacaram o alto escalão do monarca
(Ah, lamentemos, pois jamais o amanhã
amanhecerá para ele, o infeliz!);
E, em volta de seu lar, a glória
Que enrubescia e florescia
Não passa de uma história de pouca lembrança
Dos velhos tempos sepultados.

VI.
E viajantes agora, por aquele vale,
Pelas janelas iluminadas de vermelho, veem
Grandes formas que se movem fantasticamente
A uma discordante melodia;
Enquanto isso, como um veloz rio espectral,
Através da pálida porta
Passa eternamente uma medonha multidão
E gargalha – porém não mais sorri.

Lembro-me bem de que sugestões suscitadas por essa balada nos levaram a uma linha de pensamento na qual se tornou evidente uma opinião de Usher, que menciono não tanto por causa de sua novidade (outros homens{5} já pensaram assim), mas por conta da insistência com que a sustentava. Essa opinião, em sua forma geral, era em relação à sensitividade de todos os vegetais. Contudo, em sua imaginação desordenada, a ideia adotara um caráter mais ousado e transgredira, sob certos aspectos, o reino do inorgânico.

Faltam-me palavras para expressar toda a extensão ou a sincera *desenvoltura* de sua convicção. A crença, entretanto, estava relacionada (como insinuei anteriormente) com as pedras cinzentas do lar de seus antepassados. A natureza da sensitividade aqui, imaginava ele, se baseara no método de colocação dessas pedras. Na ordem em que foram arrumadas, como também a dos muitos fungos que se espalhavam por elas, e das árvores apodrecidas que ficavam em volta. Acima de tudo, na longa e imperturbável duração desse arranjo e na sua repetição nas águas paradas do lago. Sua evidência – a evidência da sensitividade – podia ser vista, dizia ele (e aqui me assustei, enquanto ele falava), na gradual mas indubitável condensação de uma

atmosfera, própria delas, em volta da água e das paredes. O resultado, acrescentou, era perceptível naquela silenciosa, ainda que perturbadora e terrível influência que durante séculos moldara os destinos de sua família e que fizera *dele* aquilo que agora eu via – o que *ele era*. Tais opiniões dispensam comentários, e não farei nenhum.

Nossos livros – os livros que, durante anos, haviam formado grande parte da existência mental do inválido – estavam, como era de supor, em perfeita harmonia com essa natureza ilusória. Nós nos debruçávamos sobre obras como *Ververt et Chartreuse*{6}, de Gresset; *Belphegor, de* Maquiavel{7}; *Heaven and Hell*{8}, de Swedenborg; *Subterranean Voyage of Nicholas Klimm*{9}, de Holberg; *Chiromancy* [10], de Robert Flud, Jean D'Indaginé e De la Chambre; *Journey into the Blue Distance* [11], de Tieck; e *City of the Sun* [12], de Campanella. Um volume favorito era a pequena edição in-oitavo do *Directorium Inquisitorum* [13], do dominicano Eymerico de Gerona; e havia passagens em *Pompônio Mela* sobre os velhos sátiros [14] e egipãs africanos [15] sobre as quais Usher se detinha, sonhando por horas. Seu maior prazer, contudo, se encontrava na leitura atenta de um livro muitíssimo raro e curioso em gótico in-quarto – o manual de uma igreja esquecida –, a *Vigiliae Mortuorum Secundum Chorum Ecclesiae Maguntinae* [16].

Não pude deixar de pensar no louco ritual dessa obra e de sua provável influência sobre os hipocondríacos, quando, certa noite, após me informar abruptamente que *lady* Madeline havia falecido, ele afirmou sua intenção de preservar seu cadáver por duas semanas (antes de seu enterro final) em uma das numerosas câmaras existentes na parte interna das paredes principais do prédio. O motivo, embora profano, para esse singular procedimento era de tal natureza que não me senti à vontade para discutir. O irmão fora levado a essa decisão (segundo me disse) em razão da natureza incomum da enfermidade da falecida, de certas perguntas inconvenientes e impulsivas por parte dos médicos que a tratavam e da localização remota e exposta do cemitério da família. Não negarei que, ao me lembrar do semblante sinistro da pessoa que encontrara na escada, no dia de minha chegada à casa, não senti desejo algum de me opor ao que parecia, na melhor das hipóteses, uma precaução inofensiva e, de modo algum, antinatural.

A pedido de Usher, ajudei-o pessoalmente nos preparativos do enterro temporário. Tendo sido o corpo colocado no caixão, nós dois sozinhos o levamos ao seu descanso. A câmara na qual o colocamos (e que estivera tanto tempo fechada que nossas tochas, meio apagadas em sua opressiva atmosfera, nos permitiram pouca chance de um exame) era pequena, úmida e totalmente sem meios de uma entrada de luz; situava-se, a grande profundidade, imediatamente abaixo daquela parte da edificação na qual ficava o meu quarto de dormir. Aparentemente, ela tinha sido usada, em remota época feudal, para o pior dos propósitos de um calabouço e, em período mais recente, como um depósito de pólvora ou outra substância altamente inflamável, pois parte de seu chão e todo o interior da comprida arcada através da qual chegamos ali foram cuidadosamente revestidos de cobre. A porta, de ferro maciço, havia também sido protegida de modo semelhante. Seu imenso peso, quando movimentada nas dobradiças, causava um ruído notavelmente agudo, áspero.

Tendo depositado nosso triste fardo sobre cavaletes nesse lugar de horror, afastamos parcialmente a tampa do caixão, que ainda não tinha sido aparafusada, e contemplamos o rosto de sua ocupante. Uma incrível semelhança entre o irmão e a irmã atraiu então a minha atenção pela primeira vez; e Usher, adivinhando, talvez, meus pensamentos, murmurou algumas palavras, pelas quais descobri que a morta e ele eram gêmeos e que sempre existiram entre eles afinidades de uma espécie quase incompreensível. Nossos olhares, porém, não demoraram muito sobre a morta, pois não conseguíamos vê-la inconfessada. A enfermidade que levara ao túmulo a

dama na flor da idade, como é usual em todas as doenças de caráter estritamente cataléptico, deixara o arremedo de um leve rubor no seio e no rosto e aquele suspeito sorriso que permanecia nos lábios e que é tão terrível na morte. Recolocamos a tampa e a parafusamos e, após fechar a porta de ferro, seguimos nosso caminho, com dificuldade, para os poucos aposentos menos sombrios da parte superior da casa.

Mas, passados alguns dias de amarga tristeza, uma perceptível mudança apoderou-se das características da desordem mental do meu amigo. Seus modos habituais haviam desaparecido. Suas ocupações costumeiras foram negligenciadas ou esquecidas. Ele vagava de aposento a aposento com passos apressados, desiguais e sem objetivo. A lividez de seu semblante adotara, se possível, uma tonalidade ainda mais pálida, e a luminosidade de seus olhos havia desaparecido por completo. A outrora ocasional rouquidão de seu tom de voz não era mais ouvida, e um trêmulo garganteio, como que produzido por extremo terror, caracterizava habitualmente sua expressão vocal. Houve ocasiões, aliás, em que pensei que sua mente incessantemente agitada lidava com algum segredo opressivo e que ele tentava conseguir a coragem necessária para divulgá-lo. Novamente, em algumas ocasiões, fui obrigado a atribuir tudo às meras venetas inexplicáveis da loucura, pois observei-o fitar por longas horas o vazio, numa atitude da mais profunda atenção, como se ouvisse algum som imaginário. Não era de admirar que seu estado me aterrorizasse – e me contaminasse. Senti rastejar sobre mim, lenta mas gradualmente, a louca influência de suas fantásticas, mas impressivas, superstições.

Foi, especialmente, ao me recolher ao leito, tarde da noite do sétimo ou oitavo dia após termos colocado *lady* Madeline no calabouço, que vivenciei a força total de tais sentimentos. O sono não se aproximava do meu leito, enquanto as horas se desvaneciam e se dissipavam.

Pelejei para racionalizar o nervosismo que me dominava. Empenhava-me em acreditar que parte, se não tudo, do que sentia devia-se à influência desconcertante da sombria mobília do quarto, das tapeçarias escuras e esfarrapadas, as quais, forçadas ao movimento pelo sopro de uma tempestade em formação, sacudiam-se espasmodicamente para um lado e para o outro sobre as paredes e roçavam inquietas pelos adornos da cama. Meus esforços, porém, foram em vão. Um irreprimível temor gradualmente impregnou meu corpo e, finalmente, instalou-se em meu coração um íncubo de alarme totalmente infundado. Sacudindo-o fora com um arquejo e estremecimento, ergui a cabeça do travesseiro e, observando com determinação a intensa escuridão do aposento, ouvi – não sei por quê, talvez um espírito instintivo me tivesse impelido – certos sons baixos e indefinidos que vinham, sem que eu soubesse de onde, em longos intervalos, através das pausas da tempestade. Dominado por intenso sentimento de horror, inexplicável e no entanto insuportável, vesti-me rapidamente, pois sabia que não conseguiria mais dormir durante a noite, e tentei livrar-me daquele deplorável estado em que me encontrava, caminhando rapidamente de um lado a outro do quarto.

Eu dera apenas algumas voltas dessa maneira, quando o leve som de passos numa escada próxima atraiu minha atenção. Imediatamente reconheci que eram de Usher. Um instante depois, ele deu uma sutil batida na minha porta e entrou carregando um lampião. Seu semblante, como sempre, era de uma palidez cadavérica, mas, além disso, existia uma espécie de desvairada alegria em seus olhos, uma *histeria* evidente em todo o seu comportamento. Seu ar me amedrontava, mas qualquer coisa era preferível à solidão que eu tanto tempo suportara. Assim, acolhi sua presença até mesmo com certo alívio.

– E você não viu? – perguntou abruptamente depois de examinar à sua volta, por alguns minutos, em silêncio. – Ainda não viu?... Mas espere! Verá. – Assim falando, e tendo protegido cuidadosamente o lampião, ele correu até uma das janelas de batente e a escancarou à

tempestade.

A impetuosa fúria da rajada que entrou quase nos ergueu do chão. Era, de fato, uma noite tempestuosa, mas terrivelmente bela e estranhamente singular em seu terror e sua beleza. Um redemoinho aparentemente reunira suas forças em nossa vizinhança, pois havia frequentes e violentas alterações na direção do vento; e a extrema densidade das nuvens (que pendiam tão baixo como se pressionassem os torreões da casa) não impedia que observássemos a vigorosa velocidade com que deslizavam, vindas de todos os pontos, umas contra as outras, sem desaparecer a distância. Afirmo que nem sua excessiva densidade nos impedia de perceber isso. Entretanto, não tínhamos nenhum vislumbre da Lua ou das estrelas, nem havia nenhum clarão de relâmpago. Mas as superfícies inferiores das enormes massas de vapor agitado, assim como todos os objetos terrestres imediatamente à nossa volta, brilhavam à luz antinatural de uma exalação gasosa fracamente luminosa e claramente visível que pairava ali e envolvia a mansão como uma mortalha.

– Você não deve... você não pode olhar isso – falei, tremendo, para Usher, ao conduzi-lo, com delicada pressão, da janela até um assento. – Essas aparições, que tanto o deixam aturdido, são meramente fenômenos elétricos nada incomuns ou talvez tenham sua origem horrenda no miasma fedorento do lago. Vamos fechar a janela, o ar está gelado, e isso é perigoso para seu estado. Eis aqui um dos seus romances favoritos. Eu lerei, e você ouvirá; desse modo, superaremos juntos esta noite terrível.

O volume antigo que eu havia apanhado era *Louca Irmandade*, de Sir Launcelot Canning; mas o chamara de favorito de Usher mais como um triste gracejo do que a sério, pois, na verdade, há pouca coisa em sua esquisita e prosaica prolixidade que pudesse interessar a elevada e espiritual imaginação do meu amigo. Era, porém, o único livro imediatamente à mão; e cedi a uma vaga esperança de que a emoção que agora agitava o hipocondríaco pudesse encontrar alívio (a história das perturbações mentais é repleta de anomalias semelhantes) mesmo na excessiva insensatez que eu ia ler. A julgar, de fato, pelo exagerado ar imoderado de vivacidade com que ele escutava atentamente, ou aparentava escutar, as palavras da história, eu bem que poderia me congratular pelo sucesso do meu plano.

Eu chegara ao bem conhecido trecho da história em que Ethelred, o herói da Irmandade, tendo se empenhado em vão por um acesso pacífico à habitação do eremita, decide entrar pela força. Aqui, lembro-me bem, a narrativa prossegue assim:

“E Ethelred, que, por natureza, tinha um coração valente e, sobretudo agora, sentia-se forte por causa do poder do vinho que havia tomado, não esperou mais tempo para negociar com o eremita – o qual, na verdade, tinha uma tendência à obstinação e à maldade – e, sentindo a chuva sobre os ombros e temendo o aumento da tempestade, ergueu a maça bem alto e, com golpes, abriu rapidamente espaço nas pranchas da porta para sua mão guarnecida de manopla; e agora, puxando-a com força, ele de tal modo a rachou e quebrou e a fez toda em pedaços que o alarmante ruído da madeira seca e oca reverberou por toda a floresta”.

Ao final dessa frase, sobressaltei-me e, por um momento, fiquei parado; é que a mim me pareceu (embora imediatamente concluísse que minha agitada imaginação me enganara), a mim me pareceu que, de alguma parte muito remota da mansão, chegara, indistintamente, aos meus ouvidos, o que poderia ter sido, por sua exata semelhança, o eco (certamente baixo e abafado) do próprio som de estalar e de quebrar que Sir Launcelot descrevera tão detalhadamente. Foi, sem nenhuma dúvida, apenas a coincidência que prendera a minha atenção; afinal, em meio ao chocalhar dos caixilhos das janelas e dos ruídos normais misturados da tempestade que ainda aumentava, o som, por si só, nada tinha, certamente, que pudesse me interessar ou me perturbar.

Continuei a história:

“Mas o valente herói Ethelred, agora passando pela porta, ficou extremamente enfurecido e surpreso por não notar nenhum sinal do malvado eremita; no lugar deste, porém, havia um dragão escamoso e de medonha aparência, e com a língua de fogo, que permanecia de guarda diante de um palácio de ouro, com o chão de prata; do muro, pendia um escudo de bronze reluzente, com o seguinte dístico inscrito:

Quem aqui entrar, um conquistador será;
Quem o dragão matar, o escudo ganhará.

E Ethelred ergueu sua maça e atingiu na cabeça o dragão, que caiu diante dele e exalou o seu bafo pestilento, com um guincho tão horrível e áspero e, ao mesmo tempo, tão penetrante que Ethelred foi forçado a tapar os ouvidos com as mãos para se proteger daquele ruído, algo que ele nunca tinha ouvido antes”.

Aqui, novamente, fiz uma pausa abrupta, e agora com uma sensação de grande surpresa, pois não podia haver dúvida de que, dessa vez, eu de fato ouvira (embora me parecesse impossível dizer de que direção provinha) um baixo e aparentemente distante, mas áspero, demorado e muito invulgar grito ou som rascante – a reprodução exata do que a minha imaginação havia evocado como o guincho sobrenatural descrito pelo romancista.

Afligido, como certamente me encontrava, pela ocorrência dessa segunda e mais extraordinária coincidência e por mil sensações conflitantes, nas quais perplexidade e extremo terror eram predominantes, ainda possuía suficiente presença de espírito para evitar estimular, ao fazer qualquer observação, a sensitiva nervosidade do meu companheiro.

Eu não tinha certeza de que ele notara os sons em questão, embora, certamente, durante os últimos minutos, tivesse ocorrido uma estranha alteração no seu comportamento. De uma posição defronte a mim, ele gradualmente girou sua cadeira, de modo a ficar sentado com o rosto para a porta da sala; assim, eu conseguia distinguir apenas parcialmente o seu rosto, embora visse que seus lábios tremiam como se ele estivesse murmurando inaudivelmente. A cabeça pendera para o peito, mas eu sabia que ele não estava dormindo, por causa dos olhos bem abertos e fixos, quando os vi de perfil. Os movimentos de seu corpo, igualmente, não indicavam que dormisse, pois ele o oscilava de um lado para o outro com um suave, porém constante e uniforme balanço. Após ter rapidamente notado tudo isso, retomei a narrativa de Sir Launcelot, que assim prosseguia:

“E agora o herói, tendo escapado da terrível fúria do dragão, lembrando-se do escudo de bronze e de que havia quebrado o seu encanto, afastou a carcaça do seu caminho e dirigiu-se destemidamente, pelo chão de prata do castelo, para onde, em sua parede, se encontrava o escudo; este, na verdade, não esperou a total aproximação de Ethelred e caiu-lhe aos pés no chão de prata, com um estrondoso som retumbante”.

No mesmo instante em que essas sílabas passaram pelos meus lábios, como se um escudo de bronze tivesse de fato, naquele momento, caído pesadamente num chão de prata, fiquei ciente de uma reverberação nítida, cavernosa, metálica e clangorosa, mas aparentemente abafada.

Completamente amedrontado, pus-me em pé, de um salto, mas o balançar regular de Usher permaneceu inalterado. Corri para a cadeira em que ele estava sentado. Os olhos estavam baixados, fixados em algo à sua frente, e, por todo o seu rosto, reinava uma rigidez pétrea. Mas, quando coloquei a mão sobre seu ombro, ocorreu uma forte agitação por todo o seu corpo; um sorriso doentio estremeceu seus lábios, e notei que ele falava num baixo, apressado e incoerente murmúrio, como se estivesse inconsciente de minha presença. Curvando-me rente a seu rosto,

pude enfim captar o terrível sentido de suas palavras.

– Não ouviu isso?... Sim, eu ouço, e *tenho* ouvido. Longos... longos... longos... muitos minutos, muitas horas, muitos dias, eu tenho ouvido... mas não tive coragem... oh, pobre de mim, que infeliz sou eu!... não tive coragem... *não tive coragem* de falar! *Nós a colocamos viva no túmulo!* Eu não disse que meus sentidos estavam aguçados? *Agora* eu lhe digo que ouvi seus primeiros frágeis movimentos no caixão. Eu os ouvi... muitos, muitos dias atrás... mas não tive coragem... *não tive coragem de falar!* E agora... esta noite... Ethelred... Ha! Ha! Ha!... O arrombamento da porta do eremita, e o grito mortal do dragão, e o clangor do escudo... diga, em vez disso, o despedaçar da tampa do caixão dela, o ranger das dobradiças de ferro de sua prisão e seu avanço pelas arcadas do calabouço revestido de cobre! Oh! Para onde devo fugir? Ela não estará aqui dentro em pouco? Não está vindo apressadamente para me repreender pela pressa? Não são seus passos que ouço vindos da escada? Não percebo aquela pesada e horrível batida de seu coração? Louco!

Nesse momento ele saltou furiosamente, pôs-se de pé e berrou suas palavras, como se, naquele esforço, estivesse desistindo de sua alma:

– Louco! Estou lhe dizendo que ela agora está do outro lado da porta!

Como se a energia sobre-humana de sua afirmação tivesse produzido a força de um encantamento, a imensa e antiga porta para a qual ele apontava recuou lentamente, naquele instante, suas pesadas e negras mandíbulas. Foi a obra de uma rajada de vento – mas do outro lado da porta *estava* de fato a altiva e amortalhada figura de *lady* Madeline de Usher. Havia sangue em suas vestes brancas e sinais de duro esforço em cada parte de seu corpo macilento. Por um momento ela permaneceu tremendo e balançando de um lado para outro na soleira. Então, com um grito baixo e queixoso, desabou pesadamente sobre o corpo de seu irmão e, na sua violenta e agora final agonia de morte, arrastou-o para o chão, já um cadáver e uma vítima dos terrores que ele havia previsto.

Fugi aterrorizado daquele aposento e daquela mansão. A tempestade ainda assolava o lugar com toda a sua fúria no momento em que eu atravessava o velho passadiço. De repente, surgiu ao longo do caminho uma luz forte, e virei-me para ver de onde poderia estar vindo uma luminosidade tão incomum, pois, atrás de mim, somente havia o casarão e suas sombras. A irradiação vinha da lua cheia, de um vermelho sangue, que se punha e agora brilhava fulgurante através daquela rachadura antes mal discernível, da qual falei, e que se estendia do telhado da edificação, em zigue-zague, na direção da base. Enquanto eu olhava, essa rachadura rapidamente alargou-se. Dali veio uma furiosa ventania em redemoinho, e toda a esfera do satélite irrompeu de uma vez diante de minha vista. Meu cérebro vacilou quando vi aquelas maciças paredes cair em pedaços. Houve o som de uma demorada e tumultuada gritaria, como o ruído de mil aguaceiros, e o lago profundo e frígido a meus pés se fechou sombria e silenciosamente sobre os destroços da “Casa de Usher”.



Autor e obra

Edgar Allan Poe (1809-1849) é um dos expoentes da literatura e, particularmente no gênero gótico, o maior escritor da literatura norte-americana. A habilidade com que ele nos suga para o horror é quase como se soubesse o segredo, a passagem secreta, que leva às masmorras do nosso inconsciente. Ou como se soubesse despertar, naquele estranho lugar, que tanto defendemos de invasões e de nossos próprios lapsos, tão delatores, os pavores que odiamos (ou não suportamos) ver expostos... a nós mesmos.

Vários autores contemporâneos, como Stephen King, beberam confessadamente na fonte desse autor, que via na deliberação da composição literária, na obsessão por buscar os efeitos mais impactantes sobre seu leitor, o modelo de perfeição. É o que ele preconiza em "A filosofia da composição" (1846), seu ensaio sobre a grande arte de escrever histórias. Ali, contrastando com o desafio e mesmo com o desmanche da racionalidade, um dos elementos de impulsão de seus contos (Poe jamais escreveu romances), o autor expõe seu método de construção de enredos e personagens: um trabalho artesanal, submetido a revisões e ajustes de sintonia fina. A morte e o sobrenatural estão sempre a se intrometer no cotidiano de seus personagens, que de céticos passam a caminhar na fronteira entre a lucidez e a loucura, como se andassem sobre o fio de uma adaga.

É exatamente o que temos neste que é um de seus contos mais famosos e que vem insuflando calafrios há quase duzentos anos ("A queda da casa de Usher" é de 1839). Poe entendeu como poucos o efeito, na ficção, de acuar o leitor de modo a fazê-lo indagar: *E se...?*

E se um horror desses puder existir?

E isso, a começar pela genial utilização da narração em primeira pessoa. O personagem que nos conta a história é justamente aquele que vai ser *transtornado* pelo contato com o sobrenatural. Ligados a ele, como se estivéssemos de olhos fechados e fosse ele a nos guiar pela mão – a conhecer a história – , sofremos com ele o ataque do inexplicável.

Assim, não somente somos aos poucos introduzidos na Casa de Usher, com todos os detalhes arquitetônicos que legaram a esse gênero de ficção o nome *gótico*, como somos submetidos ao dúbio sentimento desse protagonista-narrador diante da iminência do desastre: "Era, de fato, uma noite tempestuosa, mas terrivelmente bela e estranhamente singular em seu terror e sua beleza". O cenário, os castelos (e aqui uma mansão) decrépitos e os subterrâneos (como aquele em que Madeline é sepultada) desempenham papel de peso na história gótica, que se propõe sempre a nos colocar em meio à opressão-ambiente e à suspensão de nitidez, à distorção dos sentidos, ao delírio. Em dado momento, o protagonista acabará duvidando de seu *senso de realidade*, e nesse percurso funesto estamos com ele.

A caracterização de Roderick Usher é outro destaque do conto. Sua imagem é a de um morto-vivo (ou semimorto), assim como a irmã gêmea, Madeline. E o fato de ter sido seu amigo de infância não impede que o narrador estranhe aquele ser, como se percebesse, sem admitir, que Usher já não pertence a este mundo. Esse narrador sem nome – porque poderia ser qualquer um e

até mesmo um de nós – pressente, nega, recusa-se a ver... até que as cenas finais do conto explodem sobre ele. O final-catástrofe, com a mansão desabando sobre si mesma, como uma sepultura da qual Usher nenhum se erguerá, gravou-se tão fortemente na compreensão do público, de escritores e roteiristas de filmes que se fez de modelo de desfecho para histórias fantásticas até hoje.

Poe é tido também como o escritor que estabeleceu os parâmetros da moderna novela policial. De certo modo, a dupla Sherlock Holmes & Dr. Watson foi precedida pelo detetive de “Os crimes da Rua Morgue”, Auguste Dupin, que tem suas aventuras narradas por um interlocutor (também) sem nome. A dinâmica em que contracenam Dupin e esse seu *biógrafo* – Dupin, o detetive de raciocínio agudo, infalível, com capacidade de observação e de dedução beirando o sobre-humano ou a esquizofrenia – é clonada por Conan Doyle, assim como alguns dos segredos da novela policial, conforme explicitados e ilustrados em *A Carta Roubada*. Em ambos os casos, tanto Agatha Christie quanto outros autores da elite das delícias do crime, como Rex Stout, ali colheram bases da construção de seus enredos e personagens – mesmo tendo-os desenvolvido melhor e com muito mais brilho do que Poe, que somente nos deixou três, mas fundamentais, contos do gênero.

Poe morreu de uma sequência de doenças, agravadas pela miséria, a mesma que o fez perder sua adorada esposa, Virgínia, para a qual ele não pôde pagar remédios e médicos – enquanto suas obras eram republicadas pelo mundo inteiro, sem que ele ganhasse um tostão com isso. A morte de Virgínia precipitou a decadência moral, mental e física de Poe, que finalmente foi encontrado vagando, sujo e maltrapilho, pelas ruas de Baltimore, vindo a falecer, com quarenta anos somente, três dias depois. É inimaginável o que teria conseguido produzir esse autor prodigioso se tivesse alcançado idade avançada ou pudesse usufruir de uma vida mais de acordo com as obras que produziu. No entanto, já naquele tempo, a pirataria ceifava a arte e o artista.

A obra clássica que ele nos deixou, como nenhuma outra, talvez, expõe o leitor ao horror de entrever que a mais maligna, devastadora e indecifrável criatura (“Um irreprimível temor gradualmente impregnou meu corpo, e, finalmente, instalou-se em meu próprio coração um íncubo de alarme totalmente infundado...”) nasce do que não enxergamos ou não discernimos.

Ou talvez de nós mesmos.



Notas

{ 1 } Ornado de gregas: Ornatos geométricos constituídos de linhas horizontais e verticais quebradas em ângulo reto, que nunca se fecham.

{ 2 } Ennuyé: Entediado, displicente em relação às pessoas à sua volta.

{ 3 } Johann Heinrich Füssli, também conhecido como Henry Fuseli ou Fusely (Zurique, 7 de fevereiro de 1741 – Putnry Hill, 16 de abril de 1825), foi um pintor suíço.

{ 4 } Porfirogênito: Nascido na Pórfira, palácio onde nasciam os imperadores gregos bizantinos. E também aquele que nasceu durante o reinado do pai.

{ 5 } Watson, dr. Percival, Spallanzani e, especialmente, o Bispo de Landaff – Ver *Chemical Essays*, vol. v.

{ 6 } Ververt et Chartreuse: Sem tradução.

{ 7 } Belphegor: Sem tradução.

{ 8 } *Heaven and Hell: Céu e Inferno*.

{ 9 } *Subterranean Voyage: Viagens aos Subterrâneos de Nicholas Klimm*.

{ 10 } *Chiromancy: Quiromância*.

{ 11 } *Journey into the Blue Distance: Jornada pela Imensidão Azul*.

{ 12 } *City of the Sun: Cidade do Sol.*

{ 13 } *Directorium Inquisitorum: Manual do Inquisidor.*

{ 14 } Sátiros: Personagem da mitologia grega com corpo de homem da cabeça à cintura, e de bode na parte inferior.

{ 15 } Egipãs: Sátiros africanos.

{ 16 } *Vigiliae Mortuorum Secundum Chorum Ecclesiae Maguntinae*: Sem tradução.

Obra conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Organização: Veio Libri – Luiz Antonio Aguiar
© 2011 Tradução de: Domingos Demasi.
Capa: Claudia Xavier
Fotos da capa: túmulo: Don Farrall/Getty Images; vampira: Jentakespictures/iStockphoto.com; gárgula: FelixStrummer/iStockphoto.com; aranha: Alex-mit/iStockphoto.com
Projeto gráfico e diagramação: Andrea Yanaguita
Conversão em epub: {kolekto}

Direitos de publicação:
© 2011 Editora Melhoramentos Ltda.

1.ª edição digital, junho de 2014
ISBN: 978-85-06-06649-2 (impresso)
ISBN: 978-85-06-07624-8 (digital)

Atendimento ao consumidor:
Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970
São Paulo – SP – Brasil
Tel.: (11) 3874-0880
www.editoramelhoramentos.com.br
sac@melhoramentos.com.br



Table of Contents

Lista completa de contos da coleção
Apresentação: O terror diz “Olá!”
A queda da casa de Usher
Autor e obra
Notas
Créditos